João Osório de Castro

CABECUDOS e GIGANTONES

TEATRO

EDIÇÕES ELO

821.134.3 CAS, J

JOÃO OSÓRIO DE CASTRO

CLOROO1215

BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

CABEÇUDOS E GIGANTONES

Teatro

(Farsa trágica ou talvez não!)

Edições
ELO
2000

Instituto Português do Livro e das Bibliotecas

Ministério da Cultura

Obra seleccionada e patocinada pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas

TÍTULO
Cabeçudos e Gigantones
(Farsa trágica ou talvez não!)

Autor
João Osório de Castro

Capa
Arranjo gráfico de Ricardo Miranda
sobre fotografias de Francisco Almeida Dias

Coordenação
João Gil

Edição, Impressão e Acabamento
ELO – Publicidade, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal
148588/00

ISBN
972-9181-69-1

Reprodução Proibida

Nesta obra foi utilizado papel INAPA, Inasset 80 gr. /m²

PERSONAGENS

Victor Baptista – Desenhador e contra-mestre da Fábrica de móveis Valentim de Almeida.
Valentim de Almeida – Patrão da Fábrica de Móveis Valentim de Almeida.
R. Steinhof – Comprador de mobiliário.
Dr. Pires – Gerente do Banco.
"Marquês do Saco" – Pobre tolo, que canta versos em enterros de meninos.
D.ª Amália – Dona do restaurante "Cantinho das Alminhas".
Joana – Empregada de mesa. Figurante.
Director do Palácio – Filósofo Modernista.
Coronel Sampaio – Oficial reformado, director do Grupo Folclórico local.
Padre Fortunato – Padre do Santuário.
Guarda Eusébio – Guarda do Palácio.
"Rei de Portugal" – Assaltante do Paço Ducal.
Maria José – Estudante de Arquitectura, filha de Valentim de Almeida.
Prof. Van Dick – Professor belga.
Mãe – Mãe do "Rei de Portugal".
D. Raposo – Fidalgo Rufião. Dobrado por Guarda Eusébio.
Maria Balteira – Soldadeira e bailadeira – Dobrada por Joana.
D. Afonso X – Rei de Castela, Galiza e Leão. Dobrado por Coronel Sampaio.
D. Albardán – Apresentador de espectáculos de feira. Dobrado por Prof. Van Dick.
Juiz Judas Guerrita – Juiz do Tribunal da Academia da Má Língua. Dobrado por Dr. Pires.
Oficial de Diligências. Participará em papeis no teatro do arraial, como Mestre Nicolás e outros.

I ACTO

I CENA

Norte de Portugal, entre sucessores de gentes que, há mais de oitocentos anos, se lançaram à reconquista das terras do Sul.

Num escritório simples, onde avultam uma secretária tosca e um não menos tosco estirador de desenhos, dois homens falam sobre os pequenos e grandes dramas do seu ofício de fabricantes de mobiliário de estilo.

Ouvem-se ao longe os sons característicos do rufar de tambores, a abafada estridência das gaitas de foles, dos ferrinhos e de outros instrumentos musicais populares, comuns na animação das fabulosas romarias que, no Verão, estrondeiam por todo o chão sagrado de Entre Douro e Minho.

Valentim de Almeida, o patrão, está sentado à secretária. Victor Baptista, encarregado e desenhador, debruça-se sobre o estirador.

VICTOR BAPTISTA – A canalha da estudantada vai desatar com o estrondo do tambores… Raios os partam!

VALENTIM DE ALMEIDA – Têm o sangue a rebentar-lhes na guelra! Já te começa a morder a inveja?

VICTOR BAPTISTA – Por enquanto, nadinha!

VALENTIM DE ALMEIDA *(Fala, enquanto se levanta.)* – Então, deixa-os lá rabiar à vontade!
(Aproxima-se do estirador. Olha com atenção.) Ena! Estás a arrancar uma cornija, que nem para a Dona Maria II! O padre Fortunato merece isto? Tanto trabalho, a puxar pela cabeça, para se fazerem 36… vá lá 40 peças… E não nos deixará fazer nem mais uma peça igual para outra igreja.

VICTOR BAPTISTA *(Sorrindo, matreiro.)* – Toda a gente sabe como os padres são ciumentos! Mais tarde alteram-se-lhes umas gracinhas na talha, põem-se-lhes uns laçarotes, e aí vão elas para outra vidinha!

VALENTIM DE ALMEIDA – Altera aqui, altera acolá, para cada cliente seu paladar! Na estranja, de cada modelo, fazem-se mil, cinco mil, dez mil, e mesmo mais. Até mesas Luís XV se fazem em grande série.

VICTOR BAPTISTA – Conhece os preços que essa gente da estranja quer pagar por esses trabalhos dos mil, dos cinco mil e dos dez mil... Mesmo dados, ainda os acham caros.

VALENTIM DE ALMEIDA – Acaba-me lá a cornija! Tenho de mostrar o desenho ao Padre. Necessito arrancar-lhe a massa do adiantamento.

VICTOR BAPTISTA – Belas cornijas só se caçam com tiros de paciência! [*(Batem à porta. Valentim de Almeida mostra-.se um tanto excitado. Victor Baptista espreita por um postigo.)*

VICTOR BAPTISTA – É o "bacalhau"! Está aí também o Pires do Banco. Como anda a lamber o rabo ao sueco, o senhor doutor já pode cá vir.

VALENTIM DE ALMEIDA – Manda-os entrar! *(Entram o comprador Steinhof e o Dr. Pires, gerente do Banco.)*

II CENA

(Valentim de Almeida. Victor Baptista. Steinhof. Dr. Pires. Cumprimentos, etc.)

STEINHOF *(Fala português abrasileirado.)* – Trazemos-lhe boas notícias, senhor Valentim!

DR. PIRES *(Pressuroso, convincente.)* – Recebi as instruções de Lisboa quanto à concessão de créditos para matérias-primas e financiamentos para aquisição de equipamentos, se, desta vez, chegarem a um acordo.

STEINHOF *(Com à vontade, vai-se movimentando pelo escritório. Pousa a mala sobre a secretária. Retira grandes plantas com desenhos de mobiliário. Dirige-se ao estirador, onde Victor Baptista está a desenhar.)* Dá-me licença, cá o amigo Victor? *(Victor Baptista afasta-se com relutância, mas sem dizer nada. Steinhof desdobra os desenhos.)* – Este modelo já tem um bocadinho de trabalho artesanal. Vamos ver? *(Aproximam-se do desenho.)*

VICTOR BAPTISTA – E as quantidades?

STEINHOF *(Enchendo o peito.)* – As mesmas cinco mil!

VALENTIM DE ALMEIDA *(Aproxima-se também do desenho. Olha.)* – Nos pés e nas cruzetas dos pés, com estes rebaixes, já há mais algum trabalho manual.

VICTOR BAPTISTA *(Displicente, depois de dar uma olhadela ao desenho.)* – Não temos máquina para fazer estes arabescos.

DR.PIRES *(Importante.)* – Se houver encomendas, as máquinas compram-se!

VICTOR BAPTISTA *(Mexendo os dedos, a significar o dinheiro a receber.)* – Quanto cresce agora à miséria que nos queria pagar da outra vez?

STEINHOF *(Actor.)* – A INKAR paga o preço justo. Miséria não queremos para ninguém. *(Dobra o desenho.)*

VALENTIM DE ALMEIDA *(Conciliador.)* – O modelo tem muito mais trabalho!

STEINHOF *(Mostrando-se sorridente, enquanto, rápido, desdobra de novo o desenho.)* – Vamos acertar um preço?...

VICTOR BAPTISTA – Nós sabemos calcular os nosso preços. Amanhã mandaremos um preço por fax para o Porto.

STEINHOF – Amanhã estarei em Valência, a comprar noutra fábrica o que não comprar aqui hoje.

VALENTIM DE ALMEIDA *(Para Victor Baptista.)* – Deixa ver aí no arquivo os cálculos anteriores!

(Victor Baptista tira um dossier da estante e entrega-lho. Valentim de Almeida observa as folhas da obra.)

DR. PIRES – *(A procurar exercer pressão.)* A conversa é agora entre vocês e o computador da INKAR!

STEINHOF *(Mexendo nas teclas.)* – O computador da INKAR, S.A. não é nenhum Adamastor!

VICTOR BAPTISTA – Mas aposto que a calculadora aqui do amigo *(Aponta para Steinhof.)* foi fabricada na Formosa. Só sabe fazer contas muito baratas.

VALENTIM DE ALMEIDA *(Dando voltas às páginas. Fazendo contas.)* – Estes preços... eram mesmo muito magros.

VICTOR BAPTISTA – Queriam mais barato do que compram na China!

STEINHOF – Na China só compramos os parafusos, amigo Victor. Saem-nos mais baratos, já prontos, do que na Europa custa o aço para os fazer.

VICTOR BAPTISTA *(Rindo.)* – E as porcas também são chinesas?

STEINHOF – Chinesíssimas e baratíssimas.

VICTOR BAPTISTA *(Leva o dedo à cabeça, a significar que está tudo doido.)* – Porcas da China?!

VALENTIM DE ALMEIDA *(Às voltas com as contas.)* — Mas cada mesa destas é um pinhal de madeira!

VICTOR BAPTISTA – Para se chegar a preço, só roubando a madeira!

DR. PIRES *(Sentencioso.)* – Num processo económico sério, não se podem, em teoria, considerar essas contigências. Os lavradores e os madeireiros necessitam cobrar as suas facturas. Custos são custos, com certeza, mas também há custos e custos. De acordo?

VALENTIM DE ALMEIDA – Sim, mas...

STEINHOF *(Profissional, atalhando o Dr. Pires, desdobra de novo o desenho. Dirige-se para o estirador.)* – Ora vejamos... *(Pega numa ficha.)* Referência 3.555. Pernas: 0....m3 de madeira maciça. Travessas: Esta madeira sai do corte das pernas. Não conta como custo. O,...m3. Lamelado para o tempo:...x..., ... de espessura. Ora vamos lá a ver... Pernas, travessas, trabalho de contraventar. *(Faz contas com a máquina.)* igual a 0,... m3. Lamelado para o tampo... Há os fundos e os tampos para as gavetas... Temos...

Nota: Os preços dos produtos serão indicados pelo encenador de acordo com a evolução dos seus custos no mercado.

VICTOR BAPTISTA – E o lamelado para as abas?...

STEINHOF – Por favor, vá-me conferindo, amigo Victor! Madeira 0,...m3. Lamelado para o tampo e fundo das gavetas ...x..., y com 35% de desconto, temos...

VICTOR BAPTISTA – 35% de desconto? Isso são contas malucas. Ninguém vende lamelado com esse desconto!

STEINHOF – Para grandes quantidades qualquer fabricante o dá...

VALENTIM DE ALMEIDA – Estás a conferir?

VICTOR BAPTISTA – Mas não é o cliente que está a fazer o preço?

VALENTIM DE ALMEIDA – Tem calma, homem! Revê os cálculos!

VICTOR BAPTISTA *(Victor Baptista, de má vontade, pega no dossier.)* – Se meterem o nariz nos nossos preços, estamos fritos!

DR. PIRES – É um cliente muito especial! É finalmente o grande mercado!

VALENTIM DE ALMEIDA – Não se falou ainda no tapa-poros, nas demãos do verniz. Nem nos custos dos acabamentos!...

STEINHOF – Estão todos aqui na ficha... Como já lhes disse, o nosso computador bate certinho... *(Manipulando as folhas de computador.)* 750g de primário a...=...

850g de tapa-poros a ...=...

815g para duas demãos de verniz a ...=...

Desconto do verniz, 35%=... As máquinas, para se fazerem estes acabamentos, são relativamente em conta.

DR. PIRES – Para comprar as máquinas não há problemas... O dinheiro está no Banco, à espera.

STEINHOF *(Que continua lançado.)* – Quanto aos custos da mão-de-obra... Deixem-me ver... *(Vira e revira as fichas.)* Em Espanha... Para a matéria-prima=...pesetas. Mão-de-obra: Pernas, travessas, = 47 minutos. Acabamentos: Lixar. Ainda lixar, uma demão de aparelho, tapa poros, duas de verniz... uma a passar mais fino=36 minutos. Ora isto, Steinhof, deixa ver...47 minutos + 36 minutos... temos 1 hora e 23 minutos. Digamos 25. Ora isto, 1 hora e 25 minutos... O computador INKAR, S.A. aceita estes tempos + 5% para imprevistos...Temos ... Valência vende-nos a ... cada mesa...x 5.000 são...

DR. PIRES *(Dando uma palmada amigável nas costas de Valentim de Almeida.)* – Vamos engordar a continha lá no Banco, hem? Depois de aviada esta encomenda, outras se lhe seguirão com mais carne para morder.

VICTOR BAPTISTA – Por este andar, a conta no Banco ainda morre é tísica!

DR. PIRES *(Mostrando desdém pela opinião do Victor.)* – Se continuarmos com medo de avançar para o grande desafio, este país não sai da cepa torta! O cavalo branco está aí a desfilar à vossa frente. Se não lhe saltam para cima, é lá com vocês... O Sr. Steinhof amanhã estará em Valência. Outros aproveitarão o que vocês não aproveitarem.

STEINHOF – E não é só Valência. Para já não falar na Roménia, na Polónia...

DR. PIRES *(Melífluo.)* – O nosso amigo Steinhof viveu no Brasil. Está a gostar cá da nossa gente.

STEINHOF – Aqui também se dá um jeitinho na vida airada!

VALENTIM DE ALMEIDA *(Olhando as folhas da obra com Victor Baptista.)* – Mas os tempos da mão-de-obra indicados estão muito por baixo. Nem se contou ainda com os enfeites entalhados!

STEINHOF – Os Espanhóis ganham bom dinheiro com estes preços... Se eles pagam salários superiores aos daqui, onde está o mistério?

DR. PIRES *(Dirigindo-se para Valentim de Almeida, orador tecnocrata.)* – Há que consolidar práticas de auto-confiança, meu amigo. No meu último curso de marketing, salientou-se essa fraqueza dos nosso empresários. É necessário que eles estejam despertos para a transcendência dos efeitos sistémicos, presentes na nova realidade da competitivade global. No Norte, se quisermos ser competitivos, teremos de meter novos rolamentos de esferas na nossa "produtividade"...

VICTOR BAPTISTA – Lé com lé. Cré com cré. O preço hora que o seu computador está a contabilizar, Sr. Steinhof, é apenas o do dinheiro que alguns dos trabalhadores levam na palma da mão para casa. Como é? E a amortização das máquinas? E os seguros, e a caixa de previdência, e os mil impostos, e os encargos administrativos? E os juros? O Dr. Pires vai fazer-nos algum desconto nos juros?...

DR. PIRES – Aí quem manda, pode...

VICTOR BAPTISTA – Não pode haver descontos? Claro! *(Atitude reservada, distante, do Dr. Pires.)*

STEINHOF – E se eu aumentar o preço da mão-de-obra para o dobro?

VALENTIM DE ALMEIDA – O preço da mão-de-obra está arrastadíssimo... Não se contou sequer com o trabalho dos enfeites...

STEINHOF *(Profissional, mostrando enfado.)* – Bem, sendo assim, vamos andando, Dr. Pires. Vou dormir no Porto. Amanhã às 7, já vou no ar, fazendo companhia às águias, a caminho de Valência!

VICTOR BAPTISTA *(Aparte.)* – Vai voando, vai voando... Gasta por lá as pernas até aos joelhos!

STEINHOF *(Que ouviu parte.)* – Pernas? Estou de acordo. As pernas agora têm mais um bocadinho de trabalho. E os malhetes têm de ficar muito certinhos... Os furos e malhetes têm de bater certos. São os clientes que montam as mesas em casa. *(Vendo o desenho.)* Só entalhes são: 2, 2 e 2, 4 e 4=8 e 6 =14 e 14= 28. 28 entalhes vezes 5.000 são 14.000 entalhes a dividir por 22 dias úteis de trabalho: temos em números redondos mais de 6.000 entalhes diários. Têm de comprar uma Morbideli!

VICTOR BAPTISTA – Mas essa máquina não se paga em menos de cinco anos... E haverá sempre trabalho durante todo esse tempo?

DR. PIRES *(Sentencioso.)* – Esta máquina poderá trabalhar em dois turnos, claro?

VALENTIM DE ALMEIDA – Mas onde está o pessoal para a acompanhar os turnos? A malta hoje só quer é ver televisão!

STEINHOF – Eu fiz as contas a 10 horas de trabalho por dia... A Morbideli é uma máquina de grandes rendimentos... Havendo trabalho, depressa se paga a si própria.

VICTOR BAPTISTA – E quem nos garante o trabalho? Ele vai e vem como os alcatruzes da nora. Esta conversa faz-me lembrar um industrial maluco, cá da terra, que gastava tudo o que tinha... e o que não tinha. Quando lhe preguntavam como pensava mais tarde governar a vida, respondia: "Conto com o que não conto".

STEINHOF – Você é um grande reinadio, Victor! *(Retoma a máquina de calcular.)* Ora vamos lá a isto! Temos as quatro colunas, ou pernas, como queira. Trabalho de torno. Os entalhes. Os malhetes. Deixe ver de novo a ficha! Torno, plaina, Morbideli... São um total de 25 minutos. Rebaixes em talha. Simples. Tirados primeiro ao copiador. Retoque manual... Tempo médio apurado... 12 minutos por retoque... Claro. Tempos do copiador, 7/8 minutos. Ponho 10 minutos para a primeira vez. Temos 25 + 12 + 10...

VALENTIM DE ALMEIDA – E os tampos, as gavetas, as abas?

VICTOR BAPTISTA – E a embalagem?

Valentim de Almeida – E o transporte? E os acabamentos? E os imprevistos?

STEINHOF – Uma batatinha de cada vez, tá? A embalagem terá de ser de cartão canelado. Reforços de plástico nos quatro cantos. Pré-cintada com fita de plástico.

VALENTIM DE ALMEIDA – Isso é caro.

STEINHOF – Para 5.000 peças sai barato! Há ainda um saquinho de plástico com os parafusos... e as porcas, para os clientes montarem as mesas. E os esquadros metálicos. Também chineses!

DR. PIRES – O cartão canelado é uma exportação estratégica de Portugal, essencial para o aproveitamento dos resíduos das nossas florestas.

STEINHOF *(Para Victor Baptista.)* – Você continua com o seu carrapato na lã e com sete pedras na mão para os meus preços.

VICTOR BAPTISTA – Essa mosca não cai no meu prato. As continhas só as sei acertar pela tabuada antiga.

DR. PIRES *(Mais uma vez sentencioso.)* – Os factores próximos e os exógenos, por serem imponderáveis, devem obedecer tanto quanto possível a práticas de rigor. Parceiros nos mercados da Europa, vamos ter de nos organizar para alcançarmos melhores níveis técnicos de preços.

VICTOR BAPTISTA – Se não nos esquecermos de nada, se não nos engarnarmos a nós próprios, os nossos preços, por melhor organizados que sejam, nunca são bons para estes senhores!

VALENTIM DE ALMEIDA *(Para Dr. Pires.)* – Para esta encomenda poderíamos contar com uma bonificação nos juros?

DR. PIRES *(Engasgado.)* – Não digo que não. Mas... aí dependemos sempre de ordens superiores!

STEINHOF *(Que se tem mantido à parte, a manejar fre-*

neticamente a máquina de calcular.) – Que lindo preço! Vamos ver se o computador o deixa passar! *(Premindo as teclas.)* Temos... Temos, em relação ao modelo anterior, um aumento de 17%.

VALENTIM DE ALMEIDA – É pouco.

VICTOR BAPTISTA – Pouquíssimo.

STEINHOF *(Teatral, mostrando espanto.)* – Não podemos andar muito longe! Estou a pagar por esta referência 5% acima do que o computador me autoriza.

VALENTIM DE ALMEIDA – Não se calcularam ainda os preços da embalagem, nem dos transportes. Há mais custos para calcular.

DR. PIRES – Pelos vistos, as vossas conversas vão demorar! Tenho de ir almoçar a casa da Dona Aninhas, para lhe arrancar uns depósitos. Mas gostava de ainda hoje lhe mandar abrir os créditos, Senhor Valentim.

VALENTIM DE ALMEIDA – Eu também gostava de acertar a pontaria para este preços. O melhor, daqui a nada, é irmos todos almoçar. Estou a pensar levar o nosso amigo à Dona Amália.

DR. PIRES – Claro. Nas "Alminhas" será o melhor. Eu terei um almoço de penitência! Depósitos a quanto obrigam! *(Apalpando a barriga.)* Ando a comer menos!

VICTOR BAPTISTA (*Fazendo menção da barriga.*) – Tenha cuidado! Casa onde não entra o sol, entra o médico.

DR. PIRES – Aí tem razão. *(Para Steinhof.)* Se partirem os enganos a meio, talvez cheguem aos números certos. Telefonem-me pelas quatro. Recebo-os no Banco e ultimaremos a operação!

VALENTIM DE ALMEIDA – Vamos lá ver se o corte desta fazenda chega para talhar um fato inteiro, sem que as mangas fiquem grandes e as calças curtas... *(Virando-se para Steinhof.)* No Brasil a que horas almoçam?

STEINHOF – É como aqui, à meia hora. *(Batendo no estômago.)* O buraco também já está a alargar. *(Para Victor.)* O amigo vem?

VICTOR BAPTISTA – Terei de conferir todo este bico de obra! Como um arroz de grelos e umas pataniscas de bacalhau! Pode deixar aí o desenho?

STEINHOF – Patanisca?! Quer as minhas fichas de computador?

VICTOR BAPTISTA *(Desdenhoso.)* — Basta-me o desenho. Sei lê-lo, mesmo sem óculos!

VALENTIM DE ALMEIDA – Quando voltarmos, falaremos outra vez do raio dos preços. [*(Sai o Dr. Pires, que Steinhof acompanha, saindo também por uns instantes.)*

VICTOR BAPTISTA *(Para Valentim de Almeida.)* – Não facilite, Sr. Almeida.

VALENTIM DE ALMEIDA – Tenho de lhe passar uma verdinha das fortes pelos queixos...

VICTOR BAPTISTA – Asse-lhe mas é os bofes com o branco! Estes bacalhaus ficam logo como lagostins. Ou melhoramos este preços ou temos de mandar o sueco para Angola vender quebra-gelos!

VALENTIM DE ALMEIDA – Deixa-me lá trabalhar o gato, enquanto as suas barbas lambe. A bandulho cheio, cabeça dormente.

VICTOR BAPTISTA – Tem mesmo de trunfar! *(Abrindo o desenho.)* Eu fico aqui a abrir as tripas ao cavalo. Não lhe carregue vossemecê também na pinga, senão ainda mete mais água o seu carro do que o carro dele! *(Steinhof entra. Dirige-se ao estirador.)*

STEINHOF – A máquina de calcular dá jeito?

VICTOR BAPTISTA – Ela só sabe fazer contas chinesas! A minha máquina de calcular é made in US of America. "Much better"...

STEINHOF – Guarda-se! *(Vai a meter a calculadora na mala, mas deixa-a cair.)*

VICTOR BAPTISTA – Deixa-a estar, que ela já daí não voa!

STEINHOF *(Apanha a máquina. Depois fala para Valentim de Almeida.)* — Vamos lá então ao almoçinho? Aqui o Victor está mesmo morto por me ver pelas costas.

VALENTIM DE ALMEIDA *(Pondo água na fervura.)* – Agora... Ele até é bom rapaz. Tem o diabo na boca, mas guarda Deus no coração. *(Num aparte para Victor Baptista, enquanto Steinhof guarda objectos na mala.)* Ainda me lixas o cliente. Estamos quase sem trabalho... bem sabes. Mete a viola no saco! *(Risonho para Steinhof.)* Vamos, amigo? *(Saem.)*